

Jesus falou-lhes dizendo: «É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, ensinais tôdas as gentes, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar tôdas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos. Amem»

Evang. de S. Mateus 28:18-20



Sábios e filantropos interessam-se no desenvolvimento dos povos africanos e nós portugueses não podemos desinteressar-nos das nossas grandes colónias africanas.

PRÓ-MISSÕES

O produto obtido na venda desta revista destina-se às actividades missionárias nos campos indicados. Agradecemos muito reconhecidos a todos quantos se dignaram adquirir um exemplar e, desde já, nos declaramos ao dispor de quem deseje mais pormenorizadas informações sobre tão importante trabalho.

União Portuguesa dos Adventistas

Rua Joaquim Bonifácio, 17

Lisboa - N. — Portugal

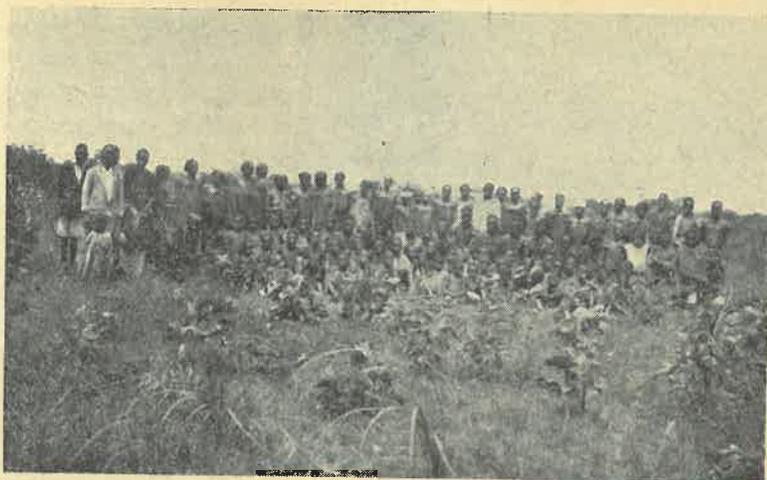
A. F. RAPOSO
Sec. - Tesoureiro

Na Missão do Bongo, no Lépi, em Angola, estas dezenas de nativos abandonaram as superstições pelo Cristianismo e estão reunidos para dar as boas vindas ao missionário branco.



UM POUCO

DE HISTÓRIA



Grupo de nativos angolanos no sul de Angola, numa reunião de catequese



Aldeia no mato em terras de Luena, Angola

Logo desde a primeira hora da expansão ultramarina portuguesa, um dos móveis que impeliram os nossos dirigentes foi—a dilatação da Fé.

Gomes Eanes de Azurara e João de Barros pintam-nos o Infante D. Henrique como apaixonadamente interessado em ampliar as fronteiras do reino de Cristo: e os sentimentos do Infante continuam inalteráveis através dos reis da segunda dinastia, até D. Sebastião. Eis como êste se expressava no Regimento Geral dado ao Vice-Rei da Índia, D. Luiz de Ataíde: « A principal causa por onde El-Rei D. Manuel, meu Bisavô, que santa glória haja, quis entender no descobrimento da Índia foi para nela se fazer a nosso Senhor mui grandes serviços no acrescentamento de sua santa Fé, e trazer ao verdadeiro conhecimento dela as gentes das ditas partes. . . E como fôsse sempre ante êle e El-Rei meu senhor e Avô, que santa glória haja, e seja ante mim a mais principal coisa daquelas partes, e pela qual sômente

procurei e procuro, e por ela tantos vassallos meus são mortos, e tamanhos trabalhos passados e tamanhas perdas recebidas. . . »

Ora estando o Evangelho reduzido à forma escrita, tornava-se necessário espalhá-lo pela página impressa. Felizmente que havia menos de um século fôra inventado o prélo e assim para os missionários começava um período em que, como nunca, se tornava possível levar às mais longínquas regiões, não apenas a efêmera palavra humana que logo esquece, mas a escrita palavra de Deus que permanece para sempre.

Com efeito—podiam servir para êsse fim—se criaram imprensas no Oriente Português, pouco depois da nossa chegada.

A primeira foi estabelecida em Gôa em 1556, a que logo outra se seguiu no ano imediato em Vaipicota, e outra em Macau em 1590 e ainda outra, em ano incerto, no Japão.

Destas tipografias saíam, em português e



Missionário Rodrigues, Lucusse, dá instruções para construir uma aldeia cristã



Régulo angolano

nas línguas orientais, livros de carácter mais ou menos religioso, mas faltava ainda... o Livro.

É digno de se recordar que a honra da primeira tradução completa da Sagrada Escritura em português caberia a um grande missionário evangélico, João Ferreira de Almeida, que, nascido em 1628, trabalhou por largos anos em Java e no Ceilão, vindo a falecer em 1691. A esta tradução, apesar de levada a efeito tão longe da mãe pátria, não hesitou Teófilo Braga em considerar « o maior e mais interessante documento para se estudar a língua portuguesa no século XVII ».

A Sagrada Escritura em português, bem como outras obras de carácter bíblico, publicadas pelas missões evangélicas de Java (Batávia) e Ceilão (Columbo), começavam agora a ser disseminadas pelo Oriente. Uma tipografia seria fundada, propositadamente para êste fim, na missão de Tranquebar, onde o respectivo prélo enviado da Europa chegou, depois de uma agitada odisseia, em 1712.

A obra realizada no Oriente Português, repetir-se-ia com notável incremento, a partir do comêço do século XIX, nas nossas colónias de Africa, onde o Evangelho passou a ser traduzido em quasi todos os dialectos.

contra certa crítica mesquinha e desleal, escreveu, e muito bem, o ex-missionário católico, P.º Joaquim Alves Correia, no seu tão celebrado livro *A Largueza do Reino de Deus*: « Os missionários evangélicos são, em regra, sèriamente evangélicos e não fazem política nem negócios ».



Sua espôse . . .

Esta simpática obra não é mais do que a realização das Sagradas Escrituras, que rezam: « E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a tôda a nação, e tribo, e língua e povo ».

É esta, e não outra, a obra que os nossos missionários realizam nas colónias portuguesas. É por isso que, insurgindo-se



. . . • filha

Situação jurídica das Missões

M. B. Ferreira



Monumento a D. Afonso Henriques em Luanda.
Cristianizar as nossas colónias é continuar a obra do
Fundador da Nacionalidade

Como nação cristã, Portugal tem sabido através dos séculos dar plena liberdade à execução do mandado do Mestre: «Ide por todo o mundo, prègai o Evangelho a tôda a criatura...» E é assim que, se os missionários cristãos não têm realizado obra de maior vulto, não tem sido por obstáculos levantados pelas leis, mas por falta de otteiros ou do interesse das igrejas da metrópole.

É verdade que nem tôdas as confissões religiosas ocupam a mesma posição perante a lei do país. As missões católicas romanas são as únicas que têm recebido decidido apoio moral e financeiro desde a primeira hora da acção ultramarina portuguesa. Bem pagos têm sido os seus missionários desde o princípio do século XVI até aos nossos dias. Já em 1925 escrevia um missionário católico: «Nenhum estado é tão rasgadamente liberal e generoso no sistema legal de auxílio prestado às missões». (P. Theodorus Grentrup, *Jus missionarium*, Berlim, 1925, vol. I, pág. 224). E desde

então, até aos nossos dias, o auxílio legal tem-se acentuado progressivamente...

Quanto às demais missões cristãs, embora o Estado não tenha gasto com elas até ao presente nem um centavo, têm realizado a sua acção benemérita com pleno apoio legal — quer à sombra de compromissos assumidos internacionalmente pelo nosso país, quer pela própria letra da sua legislação interna.

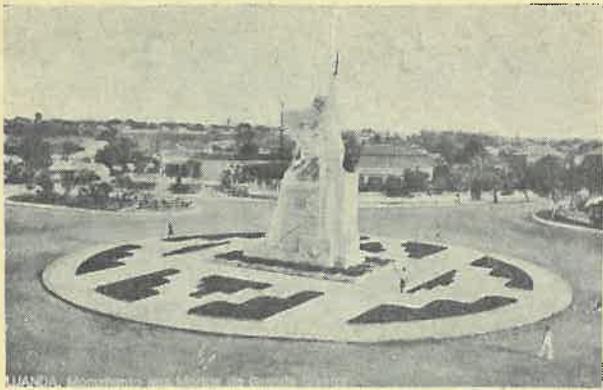
O primeiro passo de boa compreensão foi dado com o Acto Geral da Conferência de Berlim, de 26 de Fevereiro de 1885, ratificado por lei de 20 de Julho do mesmo ano, onde Portugal com os restantes signatários se obrigou a permitir, nos territórios que constituíam a Bacia Conventional do Congo, «sem distinção de nacionalidades nem de cultos, tôdas as instituições e empresas religiosas, científicas ou de caridade, criadas e organizadas para êstes fins ou tendentes a instruir os indígenas e a fazelhes compreender e apreciar as vantagens da civilização» (Art.º 6)



LUANDA — Vista parcial



LUANDA — Vista parcial



LUANDA—Monumento aos Mortos da Grande Guerra

Vinha depois o Acto Geral e Declaração de Bruxelas de 2 de Julho de 1890, ratificado por lei de 24 de Março de 1892, em que Portugal se comprometia « a proteger sem distinção de cultos as missões estabelecidas ou a estabelecer » (Art.º 2).

O que se referia apenas à Bacia do Congo, era alargado depois aos territórios de toda a África pela Convenção de Saint-Germain-en-Laye, de 10 de Setembro de 1919, em cujo art.º XI se estabelecia: «As potências signatárias que exerçam direitos de soberania ou autoridade em territórios africanos continuarão a velar pela conservação das populações indígenas, assim como pelo me-



LOBITO—Escola primária e vista parcial

lhramento das suas condições morais e materiais; esforçar-se-ão em especial por assegurar a supressão completa da escravatura sob todas as formas e do tráfico dos negros, em terra e no mar. Protegerão ou favorecerão, sem distinção de nacionalidade ou de culto, as instituições e as empresas religiosas, científicas ou de caridade criadas e organizadas pelos súbditos de outras potências signatárias e dos Estados, membros da Sociedade das Nações, que aderirem à presente Convenção, que tendam a guiar os indígenas na senda do progresso e da civilização. As missões científicas, o seu material e as suas colecções

serão igualmente objecto de solicitude especial. A liberdade de consciência e o livre exercício de todos os cultos são expressamente garantidos a todos os súbditos das Potências signatárias e aos dos Estados, membros da Sociedade das Nações, que se tornarem partes na presente Convenção. Nesta ordem de ideias, os missionários terão o direito de entrar, circular e residir no território africano, com a faculdade de aí se estabelecerem para levar a cabo a sua obra religiosa. A aplicação das disposições previstas nas duas precedentes alíneas só comportará as restrições necessárias para a manutenção da segurança e da ordem públicas ou que resultem da aplicação do direito



LOBITO—Avenida marginal

constitucional de cada uma das Potências que exerçam autoridade nos territórios africanos ».

Portugal, subscrevendo este compromisso, manifestava, perante o mundo civilizado, compreender o altíssimo espírito cristão da sua missão colonizadora.

Já com o Estado Novo, o próprio Estatuto Orgânico das Missões Católicas Portuguesas de África e Timor (Decreto 12.485 de 13 de Outubro de 1926), que tão decidido apoio daria às missões da Igreja de Roma, logo no Art.º 1º afirmava o

(Conclui na pág. 12)



BENGUELA—Paços do Concelho

Algumas Missões Adventistas no

IMPÉRIO PORTUGUÊS

ILHAS ADJACENTES

Os arquipélagos da Madeira e dos Açores, no caminho marítimo de Africa, América do Sul e do Norte, parecem açafates de verdura e flôres, no meio do Atlântico, a lembrar aos viajantes, em demanda da Europa, a beleza e amenidade dos seus campos e climas ou, ainda, a lançar no espírito dos que partem à procura de melhores dias, o verde



MADEIRA—Vista geral da cidade do Funchal

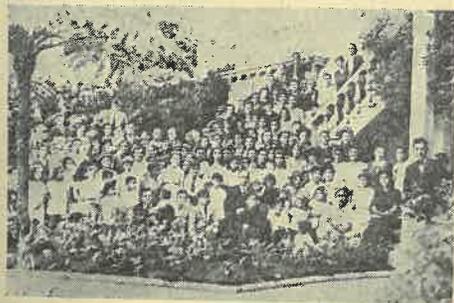
nário tanto pode trabalhar nas regiões selváticas da Africa como entre os vergeis de Portugal Continental ou Insular. Há necessidade de ensinar sempre as verdades do Evangelho porque o rio da vida continua a lançar as suas ondas de novas gerações.

A União Portuguesa dos Adventistas esforça-se por reanimar a leitura do Evangelho,

nossas províncias e as doutrinas cristãs precisam

de ser aivadas e retiradas debaixo das múltiplas credices e superstições peculiares do nosso povo. Há muita ignorância da letra e do espírito do Evangelho. Como sabemos, romancistas portugueses, tais como Júlio Dinis, na sua interessante Morgadinha dos Canaviais, gravaram imperecivelmente o esforço de certa igreja cristã na obra missio-

nária entre as aldeias do Alto Minho. O Missio-



Congregação de Adventistas Funchalenses, bons amigos das Missões



Sede da Missão Madeirense na cidade do Funchal

da esperança. A colonização dessas ilhas é obra exclusivamente portuguesa em mais de 500 anos de porfiados esforços. Muitas páginas da nossa História não se podem escrever sem citar nomes de localidades e filhos dessas ilhas. Os seus habitantes têm tôdas as características dos portugueses continentais, os seus defeitos e as suas virtudes. A vida cristã é em tudo idêntica à das

o gôsto por êsse Livro Máximo de Devoção no mundo e, sobretudo, na Igreja Cristã, para o que abriu centros nos dois arquipélagos.

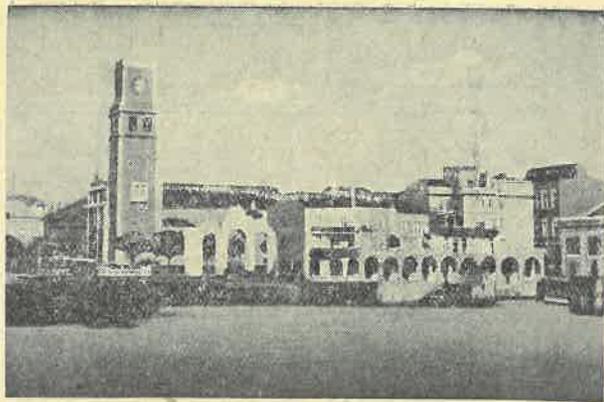
Na Madeira estabeleceu um centro importante, com casa própria, à custa de donativos especiais tirados em colectas dos membros das suas escolas sabatinas em todo o mundo. Na Rua João de Deus, 7, tem instalada uma bôa sala de



Madeira, canteiro de flores

reuniões públicas, onde são feitas conferências e estudos de propaganda da Fé Cristã. Anexa ao mesmo centro, funciona uma escola primária que estende os seus benefícios às famílias que desejem dar aos seus filhos instrução e educação no espírito do Evangelho. Temos procurado irradiar o amor das Sagradas Escrituras e da doutrina cristã nelas exposta por toda a ilha da Madeira e, não obstante a grande resistência oposta pela ignorância e fanatismo, estamos convencidos de que não foram inúteis os esforços empregados nesse sentido. Precisamos semear para depois colher, nos celeiros celestiais.

Nos Açores, estabelecemos o nosso centro de trabalhos na fértil ilha de S. Miguel e na importante cidade de Ponta Delgada. Da nossa sede na Rua de Santa Clara, 2, temos procurado irradiar a luz da verdade cristã para toda a ilha de S. Miguel e para as restantes do arquipélago.



Ponta Delgada, Açores, cais do desembarque

Uma sucursal foi aberta há pouco na histórica cidade de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira.

Desejamos alargar o nosso trabalho a cada ilha do arquipélago porque em todas elas existem populações que carecem de lembrar as doutrinas salutares do Cristianismo de Jesus.

Nos dois arquipélagos, graças à secular acção do Governo, há instrução primária ao alcance de todos e por toda a parte; também não são raros os socorros médicos de iniciativa pública. Embora o departamento educacional e médico da nossa organização pudessem obter grandes resultados de uma acção bem conduzida a verdade é que a necessidade mais imediata consiste em divulgar, entre as massas, a doutrina cristã, catequizar, cristianizar.



Congregação Adventista em Ponta Delgada



O edénico vale das Furnas em S. Miguel



Congregação destruída pelo fanatismo que é sempre a negação do Cristianismo



CABO VERDE

Importante arquipélago pela sua posição estratégica a meio caminho entre a Europa e a América do Sul. Um conjunto de ilhas mais ou menos férteis de colonização portuguesa exclusiva, com uma população característica que luta árduamente contra a ingratidão do solo e a falta de água. Combates mais porfiados pela vida de cada dia do que os combates nas frentes das batalhas desta pavorosa Guerra. Os que vivem com as comodidades médias da vida são raros; a quasi totalidade vegeta.

As doenças abundam e ceifam na sua ignorância e carência aquelas amáveis populações. Não são muitas as terras nas diversas ilhas que se possam ufanar de possuir um hospital modesto mas suficientemente apetrechado, uma farmácia e um médico. São demasiado pobres para tais luxos.

Depois das deficiências do solo, do clima e dos serviços sanitários, não podemos deixar de reconhecer que a cristianização, com todo o seu consólio e revigoramento espiritual, é muito precária. Observa-se êste facto nas cidades e as aldeias estão quasi abandonadas sob o ponto de vista espiritual. Não podem existir na alma do povo as consoladoras certezas da Fé e só temos de nos admirar que a corrupção dos costumes não seja maior.

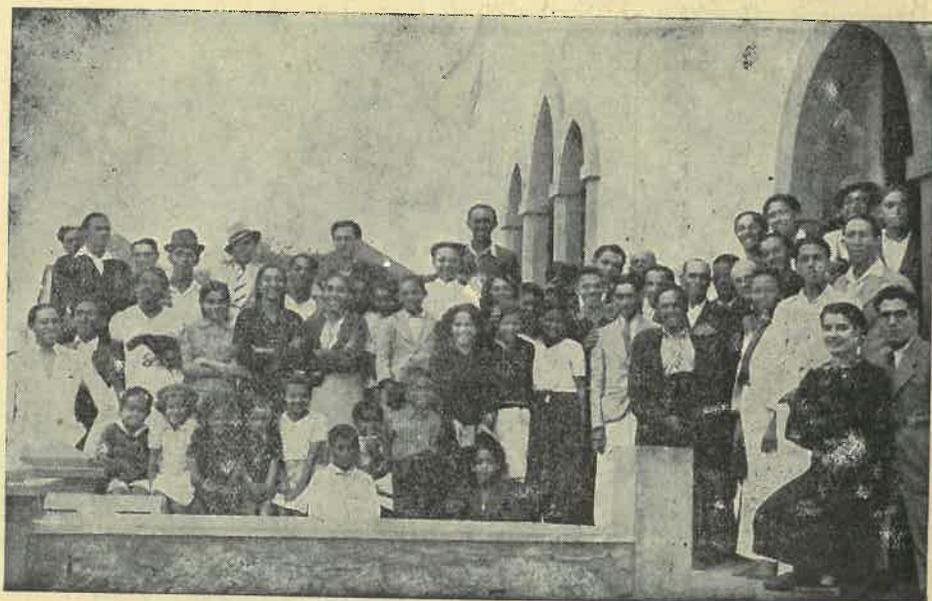
Êste arquipélago constitue um belo campo de actividades missionárias.

rias. Não necessita de missões onde simplesmente ensinem a doutrina e a prece. Embora sejam motivos missionários de incomparável valor, as missões têm de se preocupar com outros ramos de actividade entre os quais apontaremos o ensino e a obra médica, de higiene e de assistência. O missionário que se aventure a entrar nas aldeias escondidas nos recôncavos daquêles montes vulcânicos tem de levar uma preparação muito especial nêstes diversos ramos de actividade cristã se quizer vêr coroado do melhor êxito o seu sacrificio. O povo é amável e reconhecido. Ouve os



apêlos de Jesus e há sempre resultados muito animadores para os diversos trabalhos missionários.

A nossa Missão Caboverdeana tem a sua sede em edificio próprio na ilha da Brava; dali irradiou para a ilha do Fogo. Estamos apenas nos comêços das nossas actividades e fazemos planos para robustecer a nossa acção missionária nessas duas ilhas e estendê-la às restantes





Entre as ilhas, os missionários têm de viajar nestes pequenos barcos

Quizemos abrir uma escola primária na Brava com a ideia de a passar a secundária e chegámos a enviar professora diplomada por uma Faculdade. Não nos foi possível realizár tão importante melhoramento. Vivemos numa época em que ninguém acredita em rasgos de filantropia e em que se desconfia de tudo e de todos. Mas acreditamos que lá chegará o dia em que a nossa acção altruista e desinteressada receberá os agradecimentos e facilidade de que é digna. Os caboverdeanos são muito



Dois missionários continentais preparados para visitar os crentes na Brava

amigos da instrução; são muito raros os caboverdeanos que não saibam ler e escrever; mas há falta de escolas de ensino médio e especial e um centro académico secundário será um êxito em qualquer ilha onde se estabeleça. Nos nossos centros nota-se o entusiasmo da Juventude no estudo a aceitação dos princípios cristãos.

As ilhas do arquipélago caboverdeano são campos missionários que desafiam os mais entusiastas evangelizadores. As suas condições locais são capazes de aniquilar os mais vigorosos sistemas nervosos. As missões caboverdeanas são bem merecedoras dos melhores apetrechamentos possíveis.



Jovens bravenses, que precisam andar quilómetros para cursar a instrução primária



Cabo Verde é terra de grandes crises. Grupo de indigentes que as missões precisam de auxiliar

S. TOMÉ e PRÍNCIPE

Arquipélago equatorial completamente desbravado, cheios de ricas propriedades muito produtivas, fruto exclusivo da colonialização portuguesa, onde existem milhares de pretos trabalhadores vindos de Angola e outros milhares de nativos que necessitam o pão intelectual e espiritual. Têm terrenos fecundos, água em abundância, vegetação tropical e até nem faltam os bons médicos e hospitais bem montados. Mas nem só de pão vive o homem. Não abundam os centros cristianizadores. Não têm centros de cultura espiritual. Se a situação cristã actual se mantiver por muito tempo, as sucessivas gerações dos seus habitantes terão muita dificuldade em evitar o retrocesso ao paganismo.

É natural que muitos leitores, quando viram na escola a pequena superfície dêste arquipélago equatorial, criassem a ideia de que não tinha grande valor. Se tivessem a oportunidade de observar a sua vegetação viçosa, a frescura das ribeiras, a sombra das árvores gigantes e a riqueza das suas roças, mudariam logo de opinião.

É das colónias portuguesas aquela onde maiores progressos se têm feito na assistência ao trabalhador preto. Qualquer roça importante tem os serviços clínicos bem montados e até o hospital que seria bom em



Missionário Grave saúda os leitores



A ilha de S. Tomé na bruma



Missionário Grave e seus emiguinhos

qualquer parte da nossa província no continente.

Centros populacionais importantes não há. A pequena cidade de S. Tomé, limpa, saneada, com algumas casas de boa aparência, é o centro da vida administrativa, onde mais brancos se podem encontrar. Não é dos lugares mais aconselháveis para permanência do branco que, de tempos a tempos, tem de sair em procura dos bons ares das roças nas alturas da ilha.

A Missão Adventista está organizada e já tem procurado conduzir muitas almas nas veredas do cristianismo

conforme se pode observar nas fotografias aqui reproduzidas. Estamos no início das nossas actividades. Queremos estender os benefícios da Missão até às aldeias mais recônditas da ilha. Os nossos catequistas procurarão estabelecer centros propagadores das doutrinas e dos princípios adventistas.

S. Tomé é jóia apreciável no colar das colónias portuguesas e as missões adventistas só poderão contribuir para lhe realçar a beleza espiritual e intelectual.





O vale do Lépi, onde está a missão do Bongo

ANGOLA

A dois dias de viagem de S. Tomé o nosso paquete pode entrar em contacto com terras de Angola. A foz do Congo, ampla abertura por onde se esgotam no oceano as águas turvas da segunda grande veia líquida do continente negro! S. António do Zaire a querer branquejar através das ramarias espessas da floresta compacta. As areias límpidas da praia onde Diogo Cão ergueu o seu padrão de navegador.

Mais uma noite de viagem e entramos na baía de Luanda.

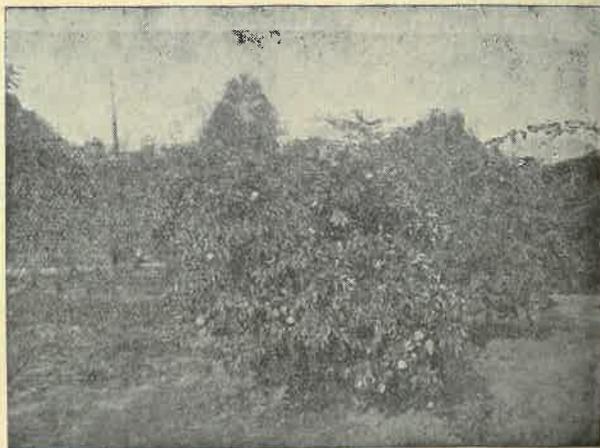
Angola é estruturalmente portuguesa e, sem favor, a mais portuguesa das nossas colónias africanas. Tem tôdas as características de um novo Brasil dentro de algumas décadas. Falta-lhe apenas uma corrente mais intensa de sangue português que vá multiplicar as células da colonização.



Escola Missionária do Bongo, com mais de 200 alunos nos cursos de catequistas

Angola é um império de um milhão e duzentos e cinquenta mil quilómetros quadrados, não de áreas desérticas mas de terrenos ricos e produtivos, rios caudalosos, quedas de água numerosas, flora exuberante e fauna muito rica e variada. Alí tudo se cria e tudo medra desde a maior árvore conhecida até à violeta. Faz-se uma pequena propaganda sobre qualquer produto, metem-se brancos e pretos em cuidados e no ano a seguir aparece mais do que o necessário; assim aconteceu com a campanha do trigo, do algodão e o mesmo acontecerá com a da borracha ou qualquer outra.

Há muitas e variadas tribus em Angola com línguas diversas. Outrora povos aguerridos e feroces; hoje pacíficos e tão pacíficos que basta uma pequena força de alguns milhares de homens para policiar tamanha extensão e alguns milhões de habitantes.



Exemplares de limoelros carregados na Missão do Bongo

E agora que podemos transitar e estabelecer-nos naquêlo grande império colonial, precisamos olhar para a vida intelectual e espiritual de tantas tribus abrigadas pela bandeira verde-rubra e trabalhar na sua cristianização. Os nossos antepassados pouco puderam fazer no interior. Não há muitos anos que foi possível a penetração para o interior e é muito provável que haja ainda grandes tratos de terreno por onde não tenham passado muitos portugueses.

O que êles não puderam fazer é natural que o façamos nós portugueses dos meados do século XX. Os adventistas estão ao trabalho em Angola onde têm uma apreciável rede de missões. Não temos oportunidade de apresentar nesta revista mais do que alguns aspectos de três dessas missões: a do Bongo, a de Nova Lisboa e a do Lucusse. Mas as fotografias destas três missões podem ser consideradas como representantes do trabalho em tôdas as outras.



Dispensário médico da Missão do Bongo, secção para nativos com o Dr. Parson à entrada

MISSÃO DO BONGO

Quem desembarcar no Lobito e tomar comboio para Nova Lisboa penetrará na região sub-planáltica, depois da subida ofegante do comboio pelas serranias. Ainda em plena região montanhosa encontrará a estação do Lépi. Se perguntar pela Missão do Bongo logo lha indicarão pois dista dali alguns quilómetros.

Da estação do caminho de ferro à Missão podem encontrar muitas aldeias indígenas e se fizerem o trajecto de noite não lhes faltará ocasião de ouvir os batuques e, de vez em quando, verá brilhar dois olhos de fera na curva das estradas onde os coelhos e as lebres correm e pulam incandescidos pelos faróis. Antes de chegar à Missão, passam pela Povoação que foi organizada por influências da mesma e onde podem encontrar

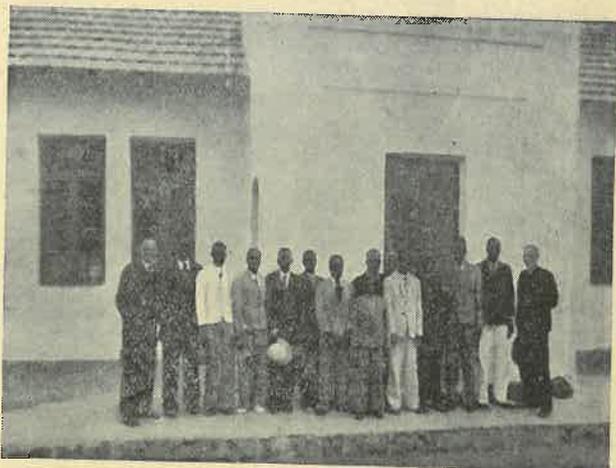


A saída do culto, na Missão do Bongo

comércio bem fornecido e até uma pensão, tudo de gente portuguesa muito simpática.

Mais uns minutos e chegaremos à Missão. Seremos recebidos por nativos que nos cumprimentarão em bom português e aos quais se misturam logo os brancos em serviço. A Missão do Bongo é formada por um conjunto de boas moradias em volta de uma escola que seria aceitável em qualquer parte do mundo, de uma Igreja que já se torna pequena para conter o número de crentes e de um hospital que precisou ser aumentado para responder aos numerosos clientes pretos e brancos. Os trabalhos de evangelização, de escola e do hospital ocupam as energias de um conjunto de famílias brancas assaz importante; em volta destas famílias agrupam-se dezenas de empregados nativos e centenas de almas sofrem a influência missionária do adventismo.

A Missão do Bongo é o centro de cultura donde irradiam os nossos missionários e professores



Grupo de professores brancos e pretos ao serviço na escola do Bongo

nativos. Das diferentes escolas missionárias espalhadas na colónia vêm rapazes e raparigas que aprenderam português, sabem os rudimentos da gramática e da aritmética, para completarem a sua instrução e treino. Há dois grandes internatos: um para rapazes e outro para raparigas; ambos superiormente dirigidos por brancos. A sineta da escola chama a família escolar para os seus deveres e as portas das aulas abrem-se diante daquele forte grupo de futuros missionários; as lições são dadas por brancos assistidos por um bom grupo de mestres nativos.

O dispensário e o hospital estão abertos para brancos e pretos. O Dr. R. Parson assistido da sua enfermeira branca e muitas vezes da sua própria esposa executa os mais variados tratamentos, faz toda a espécie de operações e tem tido êxito notável que rodeia a Missão de uma mística auréola. Por vezes não há lugar para inter-

fiamento dos doentes que vêm de muito longe, de centenas de quilómetros e, nessas condições, é de muita utilidade a Pensão existente na Povoação. Poderão encontrar ali doentes que vêm de quatrocentos quilómetros e, se forem pretos, tiveram de vir a pé, caso a doença lho permitisse. Os que não podem andar têm de aguardar a cura ou a morte nas suas terras. Muitas vezes o médico e seus auxiliares deslocam-se no campo missionário para levar o seu socorro a brancos e pretos. Só quem faça a experiência de se colocar em pleno mato angolano, a centenas de quilómetros do primeiro centro branco, dos primeiros socorros médicos é que pode avaliar quanto significa a existência de uma missão médica, organizada para auxiliar cristãmente e sem preocupações de ganhar dinheiro, de fazer fortuna rapidamente. Angola tem muita necessidade de missões médicas. Na nossa humilde opinião, tôdas as missões cristãs deveriam ter possibilidade de organizar o seu dispensário e, havendo verba, o seu hospital. E todos os missionários precisam de conhecimentos muito desenvolvidos de enfermagem. Não é muito fácil organizar missões médicas porque não se pode colocar dentro da missão cristã senão médicos e pessoal cristão, convicto da veracidade dos princípios religiosos e que gostosamente os viva e ensine. Seria mais fácil se a missão médica não tivesse o fim de cristianizar. As missões adventistas estão organizadas com o fim exclusivo de cristianizar e de espalhar a cura do corpo para melhoria do espírito, à maneira do trabalho feito por Jesus.

Uma instituição crescente necessita de campos de cultura e a Missão do Bongo tem grandes extensões cultivadas. Nas hortas podem ver-se as mais variadas plantas, desde o morango aos ananazes. Abundam as árvores de fruto. O nosso compatriota nativo vai aprendendo a maneira de



Três jovens brancos de ótima saúde e boa disposição, filhos do médico na Missão do Bongo



Grupos de nativos estudam as Sagradas Escrituras, à sombra das árvores, na Missão do Bongo

ter comida mais variada e nutritiva. À noite a Missão ilumina-se a electricidade graças ao engenho do director da Missão que é um artifice consumado; podemos garantir que é chocante ver a lâmpada electrica a tantos centos de quilómetros da primeira geradora, em plena selva!

E não vá pensar o presado leitor que na Missão do Bongo ou em qualquer missão africana só há rosas. Grandes são os espinhos também. A falta de verba faz-se sentir em todo o lado. Os alunos necessitam alimentos, os remédios custam caro, as viagens dos missionários são dispendiosas, as doenças tropicais atacam-nos também e torna-se necessário retirá-los a tempo de não morrer. O material didático não vai de graça para dentro da missão, etc., etc. Por vezes também recebem a visita nocturna das feras e ouve-se o «cantar» do leão.

Situação Jurídica das Missões

(Conclusão da pág. de 4)

mesmo nobre espírito de tolerância cristã: «O Governo da República Portuguesa mantém e garante a liberdade de cultos e a separação do Estado e das Igrejas nas Colónias Portuguesas...»

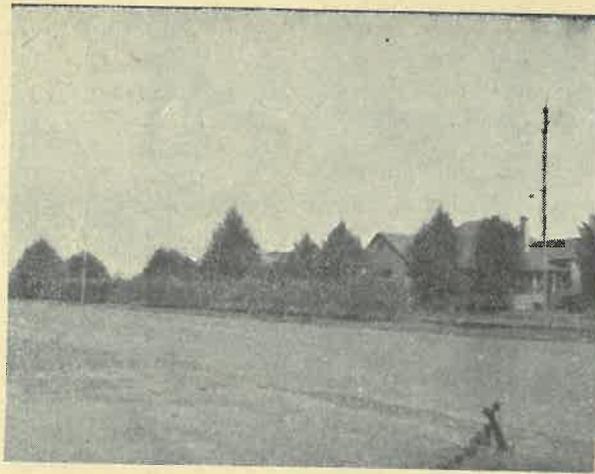
Iguais garantias seriam dadas, mais tarde, em 1933, pela Constituição Política da Nação, actualmente em vigor.

Aos compromissos internacionais assumidos por Portugal e à legislação geral do País, poderíamos acrescentar algumas disposições particulares dos Governos das diversas Colónias, levando-nos à seguinte conclusão geral: Portugal, embora não apoie monetariamente as missões cristãs não romanas, dá-lhes plena liberdade de realizarem desinteressadamente a sua nobre acção evangelizadora.

O Estado cumpriu o seu dever; resta aos cristãos mostrarem-se dignos da sua missão.

Missão em NOVA LISBOA

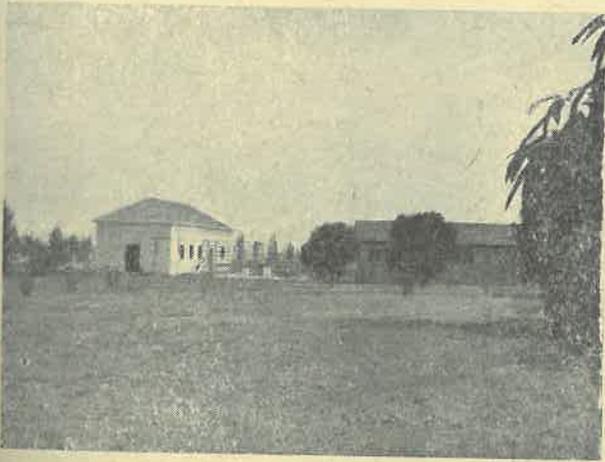
No cimo de uma colina donde se desfruta um panorama de largos horizontes procura erguer-se a cidade de Nova Lisboa, a 425 quilómetros da costa e a 1.698 metros de altitude. O casario dispersa-se ao longo de ruas largas e traçadas



Sede da Missão Adventista em Nova Lisboa

competente oficina, centros administrativos, hotéis, dois bons colégios secundários particulares, quartéis, boas lojas e armazens, etc.

Nesta cidade encontra-se a sede da rede missionária adventista e organiza-se também uma missão para a evangelização entre brancos e pretos. Constroem-se os edifícios indispensáveis à



Construção do dispensário em Nova Lisboa



Novas acomodações na Missão de Nova Lisboa

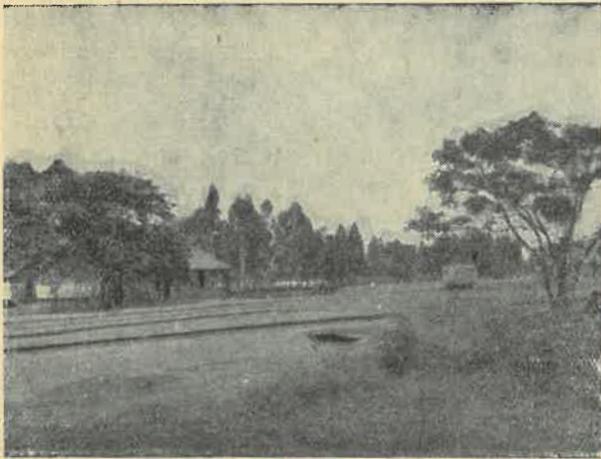
a direito. Clima suportável, um dos melhores da colónia, sem dispensar os brancos do quinine. Em volta e dentro da cidade campos cultivados, jardins. Naquella região o terreno produz tudo: trigo, frutas da Europa, hortaliças e flôres. Dentro da cidade, a luz electrica, o telergrafo, o telefone, a estação do caminho de ferro e



Catequistas e professores na Missão de Nova Lisboa

administração, um dispensário e uma igreja. Enquanto as construções se ultimam, os nossos missionários exercem as suas actividades ajudados pelo pessoal. Tôdas as manhãs se fazem tratamentos de urgência e se extraem dentes.

As fotografias podem exemplificar o esforço adventista naquella cidade.



Estação de Vila Luso

Missão do LUCUSSE

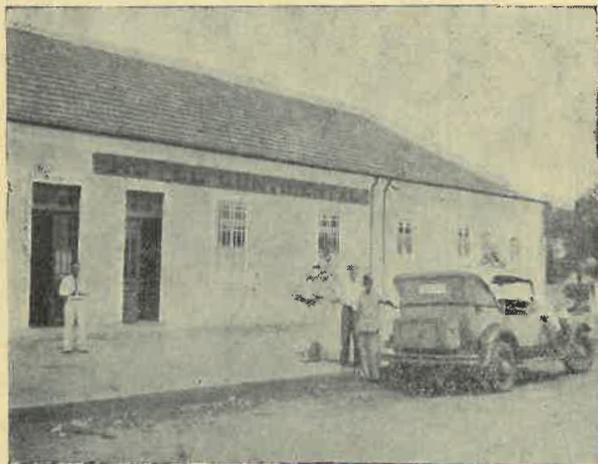
Tomando o combóio no Lépi, ao alvorecer do dia, podemos apreciar panoramas variados do interior de Angola, durante todo o dia da marcha. Aqui uma vila, acolá Nova Lisboa, muito mais tarde Silva Porto. A noite vem e o comboio continua a sua marcha para a fronteira; às tantas da noite atravessamos o rio Quanza e pelas sete da manhã chegaremos a Vila Luso. Estamos em terra asseada, a mais de 1.000 quilómetros do mar, afogada no meio de arvoredos, donde se avista a floresta virgem até aos confins do horizonte. Notam-se presentemente muitos sinais de progresso urbano. Constroem-se casas por todos os lados. Depois de nos lavarmos no Hotel Continental temos de ir ao correio dar as nossas notícias, expedir os nossos telegramas. Depois trata-se de arranjar automóvel que nos transporte perto de

200 quilómetros, através da floresta densa, a caminho da Missão do Lucusse. Deixaremos a Missão da Luz para outro ano. Encontramos carro e, preparamo-nos para partir às 13 horas, depois do almoço.

Foram quatro horas de viagem durante as quais transpuzemos rios sôbre pontões feitos de traves e tábuas, a ranger. Algo inquietos perguntamos ao nosso motorista se «aquilo» agüenta? Tem de agüentar o leve automóvel visto passarem sôbre êles caminhões com toneladas de carga. Horas consecutivas no meio da floresta, de tempos a tempos uma aldeia em alarido ao ouvir o roncar do motor. Quando apontamos a máquina fotográfica para um grupo de gentios de tanga, todos fugiram espavoridos não fôsse sair feitiço daquele pequeno instrumento. Ao descer uma encosta para o rio fomos pôr em debandada um grupo de nativos que tomavam muito plácidamente o seu



Em Vila Luso, a mais de 1 000 kms. de costa, o sal é muito apreciad



Prestes a partir, para a Missão de Lucusse,
a uns 200 kms. de Vila Luso

banho, sem sabão. De repente, descobrimos na estrada dois pretos vestidos à europeia, com fatinhos muito limpos e novos. O motorista avisa-nos de que devem ser pretos de certa missão; eram de facto e iam deabalada para Vila Luso onde deveriam chegar apenas ao outro dia, porque de noite têm de se recolher em qualquer aldeia. De tempos a tempos, sepulturas no mato, sôbre as quais estavam dependurados os mais variados troféus, desde belos tachos e pratos de esmalte até aos chifres de variados ruminantes; segundo o nosso amável motorista muito versado em simbolismos indígenas, o tamanho dos chifres indicava o valor do falecido.

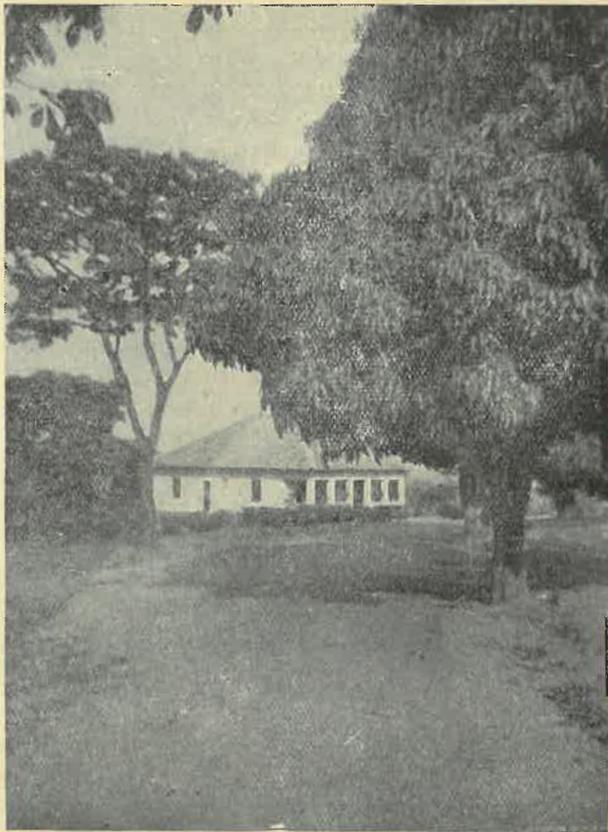
Às cinco da tarde entrávamos na pequena estrada da Missão do Lucusse e passados instantes subíamos a rampa que conduz ao «Palácio do Mato», o edifício mais importante da mesma. Somos recebidos com alvoroço, pelos nossos mis-



Missionário Rodrigues fazendo de dentista

sionários brancos, naturais de Lisboa e também pelo pessoal nativo, muito simpático, muito amável e decentemente vestidos.

Começamos, após os cumprimentos, a nossa visita à Missão. Estamos dentro de uma missão do mato, de características diferentes da Missão do Bongo, que se pode considerar como civilizada. Nesta grande região florestal habitam os Luenas que são vizinhos dos Quiocos e dos Luchazes, povos intensamente primitivos e que desejamos cristianizar. Observamos a Escola, um edifício rudimentar de colmo e onde faltam muitas coisas indispensáveis; o que tem é contudo já alguma



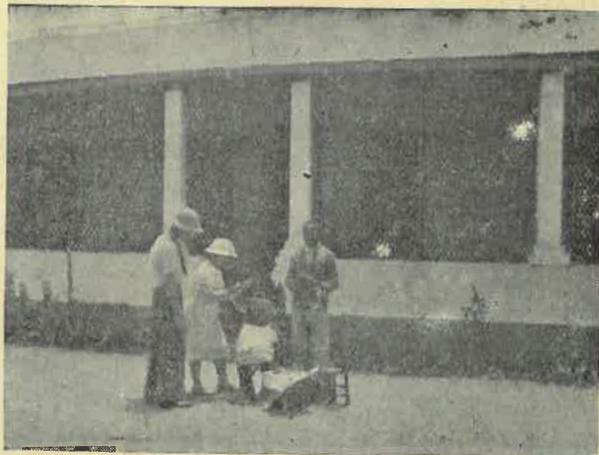
A casa do missionário no Lucusse

coisa e ali têm aprendido a língua portuguesa, a história e a aritmética muitos Luenas, homens e mulheres. Dois pequenos internatos abrigam os rapazes e meninas que a Missão é capaz de alimentar e educar. Outro edifício é destinado à catequese e ao culto. Dispensário não há; serve a casa do missionário que tem de se arvorar em enfermeiro.

Junto à Missão e em vias de bom desenvolvimento, a aldeia. Um grupo de simpáticas famí-



Através do matagal, o caminho de Lucusse



Procurando tratar uma doente no Lucusse

lias Luenas, venceram o receio e estão levantando as suas casas para a vida em comum junto da Missão onde esperam encontrar amparo moral, educação religiosa, abrigo contra as doenças e até aprendizagem de ofícios e agricultura. Naquela região donde, segundo informava quem tinha perfeito conhecimento do caso, fugiam os Luenas para o Congo Belga ou regiões limítrofes, a Missão Adventista servia para consolidar à terra um bom grupo de habitantes. Em volta, campos de cultura, árvores de fruto que permitiram à espôsa do nosso valente missionário proporcionar-nos uma salada feita com doze frutas diversas entre as quais belos morangos. Uma videira começou a dar os primeiros cachos! A água foi trazida do rio, através dos campos e florestas, numa vala com quilómetros de extensão.

A vida do missionário e seus ajudantes é muito árdua. O missionário branco tem muitas dificuldades a vencer. Não é fácil arranjar jÓvens que desejem vir educar-se na Missão. Por tÓda a parte no mato se faz campanha contra a obra das missões e os pais dizem aos filhos que não vão pois querem comê-los, vendê-los. Além da ignorância há nesta campanha o interêsse pois os filhos e as filhas são considerados como matéria vendável. Rapaz ou rapariga que se eduque na missão aprende com Cristo a conhecer o seu valor e a legislação portuguesa, seus pobres pais ignorantes perdem o direito da compra e venda. Uma menina de dez ou doze anos, prestes a ser vendida pelo pai a um velho sádico foge para a missão; começam as lutas entre o missionário a querer salvar uma rapariga da sorte negra das outras mulheres luenas e o pai ou família que sente a perda do negócio. Depois é necessário estabelecer escolas rudimentares e postos missionários em plena selva. Num perímetro de dezenas de quilómetros há uma rêde de estações secundárias, onde trabalham missionários nativos, saídos da escola



Luenas civilizados na Missão do Lucusse



Alunos da escola do Lucusse

do Bongo. Onde possam penetrar, montam a sua casa, desbravam a selva para terem os primeiros terrenos de cultivo, alcançam agrupar à sua volta o primeiro núcleo de habitantes da aldeia que desejam aprender a vida cristã e a ler, contar e escrever. Depois organiza-se a igreja e todos os indivíduos que tenham feito o seu primeiro noviciado e estejam em idade são admitidos na missão-mãe. Mas que cuidados e trabalhos não implica a existência de tudo isso! O prazer que nós sentimos, em plena floresta virgem, de ver um preto com trajes europeus ainda que humildes, estendernos a sua mão, falar na nossa língua, apresentar-nos sua espôsa e filhos também civilizados, reunir à sua volta um bom grupo de pretos capazes de cantar e de nos saudar amigavelmente, tudo isso, foi obtido a prêço de muitas canseiras e despezas. E quantas vezes não se perde a saúde e a vida no meio dêsses inglÓrios trabalhos!

O missionário e o chefe do posto são os dois representantes dos poderes civilizadores: Cristo e César. Em geral reina entre os dois a melhor camaradagem, como poderemos ver no Lucusse. O Chefe do Posto conta no missionário um bom amigo, sempre pronto em circunstâncias difíceis tanto para êle como para a população sob o seu domínio. No Lucusse, há anos, desejaram os nossos missionários montar um hospital como o do Bongo. Chegaram a ter os fundos necessários e todos os planos feitos. Modificou-se, porém, a lei e o médico que estava em Portugal não pôde partir. E foi muito o prejuizo principalmente para os Luenas, Quiocos e Luchazes.

Suplemento da REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia.

Director: A. DIAS GOMES

Administrador: A. F. RAPOSO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa-Norte



Sedes das Congregações Adventistas

Lisboa—Rua Joaquim Bonifácio,
17

Pôrto—Rua de Santo Ildefonso,
376, 2.º

Portalegre—Rua dos Muros.

Tomar—Rua da Fábrica, 70

Coimbra—Rua da Sofia, 181

Barreiro—Rua Vinte de Abril.

Vila Real de Santo António
—Rua 31 de Janeiro.

Niza—Rua Padre Ribeirinho, 95

Setúbal—Rua Estêvam de Vas-
concelos, 49

Funchal—Rua João de Deus, 7

Ponta Delgada—1.ª Rua de
Santa Clara, 2

Angra do Heroísmo—Rua da
Liberdade, 155

Brava—(Cabo Verde)—Nossa
Senhora do Monte.

S. Tomé—Caixa Postal, 349

Nova Lisboa—(Angola)—Caixa
Postal, 3

Missão de Mungulúni—Cor-
reio de Munhamade, Que-
limane —Moçambique.

PREÇO ESC. 5\$00



“E virão do Oriente e do Ocidente e do Norte e do Sul e assentar-se-ão à mesa no Reino de Deus”



As Missões Adventistas operam em todos os países pagãos onde ocupam milhares de missionários, de catequistas, de professores, de médicos e enfermeiros, de redactores e agentes de publicações, cujo fim exclusivo de actividade é a difusão dos princípios cristãos e o tratamento do corpo e do espírito.

As Missões Adventistas no Império Colonial Português estão no início das suas actividades e desejam colaborar, no domínio cristão, no desenvolvimento civilizador dos povos abrigados à sombra da bandeira verde-rubra.